

## **nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem experimental [como desfazer uma educação ambiental]**

ana godoy\*

*“Não se pode sair da árvore com  
meios de árvore.”*

Francis Ponge

O propósito deste artigo é menos debater as questões relativas à educação e ao meio ambiente do que propor ao leitor uma leitura experimental, leitura que funcionaria como meio de experimentação, na qual o leitor se aventuraria aquém ou além dos disciplinamentos impostos pela Razão e pelo conhecimento.

Uma tal leitura avizinha-se do movimento da criança, que, sempre a fazer de cada coisa meios a serem explorados e materiais de renovadas explorações, deslocando-se e deslocando-os em incessantes idas e vin-

\* Doutora em Ciências Sociais pelo PEPG da PUC-SP e pós-doutoranda no Dept. de Filosofia e História da Educação da UNICAMP.

das, subverte as funções que a circunscrevem e às quais ela serve, conferindo importância às coisas pelo uso que delas faz. Assim é que os deslocamentos que a criança inventa são simultâneos às intensidades que experimenta.

Propor ao leitor este jogo é colocar sob suspeita a imbricação entre educação e meio ambiente, na qual prevalecem discursos e práticas voltados aos objetivos da conservação, explicitados não só por meio da criação de áreas de conservação e da defesa de ecossistemas e espécies ameaçadas, mas também por meio de um pensamento da conservação pautado em práticas consideradas saudáveis e comportamentos considerados adequados à participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade na preservação do equilíbrio ambiental.

No entanto, colocar sob suspeita não implica negação, mas destituição do valor de verdade suposto em tais concepções, pois o problema para o qual aponto não é conservar ou deixar de conservar, assim como tampouco preservar o vivente ou responder às necessidades dos corpos empíricos. Aponto, colocando sob suspeita, para a conservação e regulação de vidas, para estratégias de gerenciamento, que fazem da conservação um modo de vida cuja finalidade é conservar a grande vida, uma “gorda saúde dominante”, cujo discurso é, simultaneamente, o vaticínio de uma catástrofe que obriga a aceitar e adotar um certo tipo de comportamento e pensamento, e a revelação do desastre que seria não fazê-lo. Nesse movimento impõe-se, forçosamente, escolher entre aquelas possibilidades de vida a nós oferecidas — alternativas circunscritas pelo que se considera o possível em uma sociedade, em um espaço-tempo históricos.

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

A ecologia, esta que chamarei maior,<sup>1</sup> diz respeito ao possível que se realiza de uma determinada maneira, isto é, aquele escolhido entre um conjunto pré-determinado, segundo a lógica das proposições científicas<sup>2</sup> a partir de uma redução da circunstância, aquilo que pode ser observado: a destruição como realidade e o conservacionismo como necessidade. Sua finalidade é a restauração de equilíbrios por meio de palavras de ordem, que desencadeiam e conformam a participação; equilíbrios tanto mais necessários quanto determinantes de uma *boa* vida que leva em direção à Vida como ideal.<sup>3</sup>

Há mais de trinta anos, Ivan Illich apontava<sup>4</sup> o principal problema que cabia ao pensamento enfrentar na contemporaneidade das questões ambientais: o espaço escolar seria o meio de prolongar ou de perpetuar a docilidade com que as pessoas respondem às exigências do confronto entre o mundo industrial com o então emergente pensamento ecológico. Esta colocação permanece ressoando: a experiência do espaço escolar ensina às crianças e aos jovens a pensarem e se comportarem de acordo com codificações em relação às quais o ambiente é colocado como anterior às relações, como construção anterior à experiência. Essa imbricação entre ambiente e espaço escolar aparece associada a práticas que pressupõem a adequação dos comportamentos, de maneira que ao ambiente está sempre vinculada uma qualidade ou uma propriedade fundamentada em juízos de valor, tais como: saudável, puro, limpo, agradável ou, em outra escala, perigoso, sujo, inadequado, nocivo ou imoral. Nessa articulação, a educação emerge “como a casa do ruim e do bom, permanentemente preocupada em saber se contribui para um mundo melhor ou pior”,<sup>5</sup> segundo um modelo moralizante com o qual permanece comprometida.

Tais concepções, via de regra, apontam a necessidade de regular e controlar comportamentos ditos

danosos ao meio ambiente, os quais encontram complementaridade nos comportamentos considerados socialmente danosos, favorecendo a proliferação de vidas não qualificáveis, as quais poriam em risco o equilíbrio sócio-ambiental. Desse modo, perpetuam-se os binarismos e complementaridades, mas sobretudo restauram-se hierarquias por meio das quais pretende-se medir e contabilizar, reforçando padrões de pensamento, de escuta e de olhar.

De fato, segundo Illich, o controle político torna-se tanto mais aceitável quando recebe o nome de *iniciação aos problemas do meio-ambiente*, não só porque o controle político, ao investir na noção de meio-ambiente, supõe o espaço como fundo neutro e homogêneo, cujos limites e possibilidades podem ser determinados, mas também porque, ao fazê-lo, afirma a possibilidade de fechamento sobre superfícies eminentemente descontínuas.<sup>6</sup>

A perpetuação da docilização, sugerida por Illich, evidencia-se quando o corpo individual e o corpo da Terra apresentam-se como aquilo a ser formado ou re-formado pelos novos saberes e suas aplicabilidades, de modo a alcançar o equilíbrio, a saúde perfeita para corpos e mundo a prova de vazamento. Educar para o meio ambiente é antes adequar o corpo à Terra e adequar é restaurar equilíbrios perdidos ou conquistar equilíbrios futuros. A saúde perfeita do corpo individual e do corpo planetário constituindo-se, concomitantemente, na promessa de reparação de danos e na prevenção de riscos. Educar para o meio ambiente apresenta-se como o cumprimento de prescrições que reduzem os corpos e as relações à conservação.

A necessidade de mais regulação e controle indica, portanto, não só que se educa para controlar e de forma cada vez mais democrática e inclusiva — palavras de

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

ordem que tendem a apenas atualizar fascismos de toda ordem<sup>7</sup> —, mas também indica que não é possível estabelecer um domínio eficaz e absoluto sobre os indivíduos. Se é contra as derivas que o pensamento da conservação luta, são as derivas que nos interessam, pois o que mais seriam elas do que o próprio movimento de expansão da vida na invenção de saídas surpreendentes?

## Fugas

Assim, Luis e Armando iam, cada qual por seu caminho, para a escola. O aspecto do colégio era indissociável do que se passava dentro dele. As vozes dos professores recobriam o colégio como uma crosta sem brilho que as idéias, assim como o olhar, não conseguiam atravessar. Os dois meninos encontraram-se na frente do colégio, olharam-se e, na volúpia do olhar, o colégio se desvaneceu. Armando, o menino mais velho, disse: “Não vamos entrar, pois no quebra mar as ondas estão furiosas, quero vê-las.” Luis, o mais jovem, inebriado pela palavra do outro, disse: “Vamos.” A possibilidade de a chuva recomeçar e o medo de ser descoberto matando aula pelos pais misturavam-se, em Luis, ao gozo da presença do outro. Armando encontrava no olhar de Luis as palavras, e Luis encontrava nas palavras de Armando o olhar. Caminhando lado a lado, sentiam o amolecimento das coisas e a inutilização das palavras propiciados pelas manhãs úmidas, da mesma umidade persistente que se notava no suor do rosto de Luis, que agora fugia com Armando. Tudo transbordava: o ar, o corpo, o mar. E Luis pensava que eles não deveriam fazer nada senão ir ao colégio de manhã, tudo o mais so-  
brava.

“Ali diante do quebra mar, Luis compreendia o espaço maravilhoso que Armando ocupava, espaço rítmico

da mão que arrumava os cachos de cabelo, das gotas que caíam na terra e a faziam gritar, dos papéis que iam e vinham nas ondas. A paisagem estreava uma aparência diversa diante do estilo ou da maneira diversa dos olhares. Eles tinham chegado diante das ondas um tanto desmemoriados, aquilo parecia não ser sua finalidade. Momentaneamente servira, mas um segredo mais escorregadio os golpeava. As fugas do colégio são o grito de algo que abandonamos, de uma pele que já não nos justifica. A curvatura das ondas, a grosseira assimilação da onda por outra onda produzia uma vaga de vapores livre de lembranças. Como se as nuvens fossem se estendendo entre eles e transformassem os meninos nuns arquipélagos úmidos. Um barco bateu neles suavemente e se viu lentamente rechaçado pelos ponteiros de um relógio. Mudaram de rumo, a finalidade que os unira se perdia invisivelmente. Iam se manter mais tensas e secretas as palavras que os enlaçavam. Mais que ver as ondas, tinham-nas adivinhado entrando na atmosfera aquosa que desalojavam; chegava até eles um rumor distante, uma onda empurrava a outra, impulsionando curvados sons que se afinavam para penetrar na baía algoada dos ouvidos. Já tinham decidido passear. Nenhum ponto fixo podia prendê-los.<sup>8</sup>

Pouco se diz da escola nesta breve história, mas o que se sabe, como bem o sabem os meninos, é que nem as idéias, nem o olhar conseguem atravessar suas paredes recobertas pela argamassa das vozes dos professores. *Isto* era o que precisava ser enfrentado, *isto* contra o qual toda idéia preferia correr e se atirar ao mar.

Apressavam o passo em direção à escola e, no entanto, paravam para acompanhar as gotas de chuva escorrendo pelos vidros, cujos caminhos variavam com o vento: podiam sempre mudar de rumo. Acordar, ir para

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

a escola: entre estes dois pontos — a casa e a escola —, os meninos esquecem de ser alunos e investem nos seus passeios. Ao longo do caminho, dobram esquinas desnecessárias, criam zonas de lentidão nos portões, inventam mundos. Diante da escola, olham-se, e na volúpia do olhar decidem não entrar. Os meninos desbordam, embriagam-se no gozo de uma presença ausente, lançando-se em direção ao imprevisível. Os meninos de Lezama Lima afirmam o passeio, não contra a escola, mas pelo desejo de deambular, pelo desejo de se associar nesta deambulação que é também sua paixão irresistível: a inquietação dos corpos escorrendo na distância entre as palavras. Sabem que deveriam ir para a escola, mas “no tudo mais [que] sobra”,<sup>9</sup> que excede, o querer se afirma frente ao dever evidenciado no peso das normas, das obrigações, dos bons comportamentos.

Neste pequeno conto, Lezama Lima contrapõe o espaço apático, no qual se inserem a escola, os alunos, suas obrigações e deveres, ao espaço de potencialidades irreduzíveis ao primeiro, atravessado por uma multiplicidade de excitações em que os corpos dos meninos se apresentam em sua dimensão topológica, variando em função dos afetos que experimentam.

O ritmo dessa linha intensa que os percorre, em que o olhar dos meninos umedece os corpos, espraiando-se no azul dos botões emergindo e submergindo como ilhas, prolonga este espaço singular aquém e além do quebramar. Sobre a ilha, os meninos tornam-se arquipélagos e os contornos do dia-cinza-dos-alunos-a-caminho-da-escola desfazem-se no prazer intenso que experimentam. Emerge um entorno de sons e cores, e cada aspecto torna-se intensamente perceptível, e os meninos experimentam uma nova maneira de ver, sentir e pensar.

O espaço maravilhoso que Armando ocupa é esse espaço intensivo, o qual, juntos, eles irão povoar, e do

qual Armando será arrancado pela chegada de Carlos: “Não tínhamos ficado de ir ao cinema?”.<sup>10</sup> Novamente, surge “a obrigação com nome, a escravidão à linha e ao ponto”.<sup>11</sup> Deste modo, seria equivocado pensar que o mero ausentar-se da escola resulta em experimentações, pois estas apontam, sobretudo, para uma espécie de subversão silenciosa desencadeada pelas turbulências que os atravessam — as quais acometem os meninos no encontro do olhar —, e que permanecem aquém das obrigações encarnadas neste ou naquele, venham elas sob qualquer forma, afirmando rupturas onde a “escravidão à linha e ao ponto” é aquela que mantém os meninos submissos ao “aluno”. Submissão moral, que faz da própria fuga do colégio uma escravidão: se não estamos lá, é porque deveríamos estar em outro lugar. A ruptura se faz ali sob a linha de fuga que os meninos traçam, em que eles se fazem fugados,<sup>12</sup> isto é, puros corpos de sensação que se sucedem, como se cada uma perseguisse a outra, encontrando-se e separando-se; precipitando-se umas sobre as outras, avançando e retrocedendo, traçando-se gradualmente e destraçando-se, ora violenta, ora suavemente, em que o delírio dos corpos é aquele da própria Terra.

As invenções de Lezama Lima remetem-nos ao indomável da escrita e da vida nas suas circunvoluções, nas quais frases e personagens se contorcem, comprimidos, em meio às distribuições anárquicas da pontuação, que subvertem a sintaxe, demolindo-a, restando somente os sulcos de um relevo, linha sinuosa e ondulante na qual os corpos derivam. Entre duas certezas, exprime-se uma não-conformidade. Ela diz respeito a uma não-equivalência ou não-igualdade entre os termos, por meio da qual o furioso escândalo verbal de Lezama Lima põe-nos diante de uma paisagem que nos vê, “uma vasta topografia de acontecimentos, objetos, pessoas, utensílios”,<sup>13</sup> fragmentos de texturas que esquivam o sentido e o ob-

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

jetivo em uma geografia pontuada por uma multiplicidade de traçados singulares, cujos desvios e curvaturas são a expressão dessa condição na qual cada intervalo é um espaço aberto ao surgimento de uma nova dobra, uma redobra.<sup>14</sup>

A questão já não é considerar a diferença das coisas de aspecto (aparência) diferente; tampouco a diferença de aspectos sobre uma mesma coisa, mas cada coisa como um ponto de vista, uma variação que extrai do mundo seus aspectos, formando um intrincado labirinto de montanhas, florestas, rios, homens, animais, plantas, pedras e objetos, deslocando-se e agitando-se contra a lei, indomesticáveis, indomáveis.<sup>15</sup> Um ecossistema *complicado*.

## **Experimentações I**

Um ecossistema complicado. Foi com essa curta frase que encerrei minha deriva pelo conto de Lezama Lima. Dificilmente poderíamos dizer que é complicado por uma mera questão de quantidade de coisas, mas sim pelas intensidades implicadas. Um ecossistema complicado não teria começo nem fim, não seria redutível aos elementos que compõem uma cadeia, tampouco ao que é dado à percepção, pois ele implica aquilo que insiste no dado sem ser imediatamente dado. Trata-se sobretudo de novos modos de perceber e sentir que forçam o pensar neste encontro com o conto de Lezama Lima. Nesse sentido, experimenta-se o conto como aprendizado singular.

Assim é que no conto de Lezama Lima experimenta-se a ilha e um certo regime climático, mas também a ilha como um certo regime de intensidades não determináveis. A chuva, a umidade, mas também um desmanchamento que insiste e que atravessa objetos,

peessoas, palavras. A paisagem dada: o pier, a escola, as ruas, o mar, mas também o desmanchamento desta paisagem, a invenção de outras paisagens táteis, sonoras, auditivas, visuais e seus sucessivos desmanchamentos. A umidade embebe as palavras e os corpos, a paisagem torna-se porosa, respira, transpira, dissolve-se, aqui e ali pontos notáveis: um olhar, os pedaços de papel que o vento dispersa, os botões de uma blusa, os cachos de um cabelo, os peixes, as nuvens. Pontos a partir dos quais pequenos territórios se fazem para em seguida, no movimento do olhar, de um vento que bate, de uma voz que sobrevém, serem desfeitos. Os meninos tornam-se arquipélagos, lugar de seus passeios-experimentações, a paisagem estreando uma aparência diversa diante do estilo ou da maneira diversa dos olhares...

## **Experimentações II**

Um estilo seria, então, esse tanto de selvageria que prolifera, menos em busca de paraísos perdidos, e mais ocupado com a invenção de quantos paraísos uma certa desrazão ou desordenamento forem capazes de inventar. Estranhos paraísos feitos à custa de ajuntamentos de coisas, explicitados na enumeração disparatada, na acumulação, nos arranjos provisórios e heterogêneos, na colagem, os quais desenham uma rede de conexões imprevisíveis e cambiantes. Sua característica é a da desfiguração ou do desobramento por prodigalidade e desperdício, pela irrisão de toda funcionalidade, de toda sobriedade: um excesso excessivo.<sup>16</sup>

O paraíso é este espaço eufórico de intensidades, de conjunções de heterogeneidades, formando superfícies nas quais os fragmentos brilham num emaranhado de camadas, de simultaneidades que não alcançam a unifica-

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

ção, em que as coisas diferem, discordam, fugindo à regra.

Neste movimento, esquiva-se o objetivo, desvia-se, instante em que o tempo perde suas marcas, seu cadenciamento regular: o que deveríamos estar fazendo, o que deveremos fazer em breve, o que deveremos fazer em três décadas, o que deveríamos ter feito. Instante em que o espaço perde suas determinações: aqui sim, ali não. Movimento que se faz na não-conformidade ao uso, onde o uso, ao remeter ao costume ou ao hábito, o faz para venerar a tradição.<sup>17</sup> As instituições nada podem neste lugar que não é um lugar, que já não é um pedaço da Terra, mas uma variação intensiva dos corpos, tanto mais imprevisíveis quanto o próprio fazer-se e desfazer-se das ondas no quebra-mar. Não importa se o período de desvio termina, se as determinações retornam; o tempo da experimentação se prolonga sobre uma linha infinita que se pega sempre pelo meio.

É assim a experimentação, com seus barroquismos, mas também o é a vida, ou ainda um modo de viver, um estilo, que dizem respeito, sobretudo, a um modo de habitar.

### **Experimentações III**

A paisagem estreava uma aparência diversa diante do estilo ou da maneira diversa dos olhares. Assim Lezama Lima leva-nos a experimentar a sensação de que em toda e qualquer coisa brota algo que se libera, que vaza, assim que uma reflexão tenta representá-la em conformidade a um modelo de pensamento, algo que foge à argamassa de palavras, à sua pretensão de preencher completamente e de uma vez por todas o vão entre as coisas.

Pois é ali, no trajeto definido e definitivo de todos os dias, acordar-e-ir-para-a-escola — empurrados pelo sonho continental da Razão que lhes diz dever aprender (a verdade) para melhor conhecer (a verdade) —, que as crianças inventam desvios, transformando-se, sob os pingos de chuva, em “arquipélagos que ressoam o silêncio trazido pelo mar em sons vergados”.<sup>18</sup> É à deriva da Razão que qualquer coisa se passa, pois a exigência da Razão, mais do que o confinamento do pensamento e da vida, é o investimento na sua paralisia e esterilização,<sup>19</sup> investimento que redundará em uma vida enfraquecida, cansada e condenada a uma corporeidade fraca, culpada e ressentida, porque reduzida às legibilidades e estabilizações do jogo comunicacional. No entanto, segundo Nietzsche, “(...) o mais inteligível não é a própria palavra, mas a tonalidade, a energia, a modulação, o ritmo com os quais uma série de palavras é proferida, (...): tudo aquilo, portanto, que não pode ser escrito (...)”,<sup>20</sup> e que, no momento mesmo da reflexão, já a ameaça aproximando o percebido daquilo que nele escapa.

#### **Experimentações IV**

Ao dar as costas à escola, as personagens de Lezama Lima arrastam-nos para outros passeios, convidam-nos a desconfiar, a pôr sob suspeita os mecanismos de estabilização dos quais habitualmente nos valemos para silenciar as perturbações ou ruídos que acompanham os encontros que se fazem, buscando confiná-los ao já sabido e sentido.

Nesse sentido, a ecologia e o ambientalismo não podem ser desvinculados da criação de um regime de signos, que permite enunciar o valor de cada parte da Terra para o todo da Terra, e também o valor de tudo sobre a Terra para a Terra, fazendo valer “ora partes

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

excessivamente separadas, ora separações excessivamente preenchidas”.<sup>21</sup> Não só os contornos devem ser suficientemente rijos para que não haja transbordamentos, mas, sobretudo, todas as linhas devem se subordinar a modelos apresentados como dados.

O breve conto de Lezama Lima convida-nos a prestar atenção nesse jogo entre linhas endurecidas de reflexão e linhas de experimentação, que exprimem o embate entre forças de subordinação e insubordinação.

Ao longo da leitura do conto de Lezama Lima, deixamo-nos levar pela rarefação da atmosfera, as certezas se esvaindo à medida que a umidade avança, tornando o próprio pensamento poroso. Não se trata de negar a escola e todo o aparato educacional, tampouco a ecologia ou o ambientalismo, mas sim de como inventar as linhas com as quais nos tornamos *fugados*, linhas que afirmam a aprendizagem experimental como aprendizagem da variação dos modos, fazendo ressoar no pensamento a complicação implicada na vida,<sup>22</sup> levando-o ou obrigando-o a exercer sua máxima potência: pensar.

Chegamos aqui um pouco, talvez, como as personagens de Lezama Lima, um pouco mais porosos, quem sabe mais úmidos, talvez até desmemoriados e mais suscetíveis a perguntarmos a nós mesmos se a educação ambiental, ao se colocar a missão de “conscientizar”, não se torna uma ferramenta de controle brutal, reduzindo a aprendizagem a um mero exercício reflexivo, apressando-nos a preencher os vãos entre as coisas com uma “argamassa” de conceitos, fatos e valores, de forma a que se sinta, diga ou pense o já sentido, dito e pensado?

Já aí é todo um território que se desmancha, pois a porosidade que experimentamos, tal qual os meninos fugados, em que os encontros e as vizinhanças não es-

tão determinados, abre-nos a toda sorte de interferências, intensificando experimentações, potencializando hibridações inventivas, fazendo fugir a figura da alteridade como suporte de gestões e relativizações por meio das quais se obtém uma equivalência generalizada.<sup>23</sup>

### **Nas bordas do mar...**

As fugas do colégio são o grito de algo que abandonamos, de uma pele que já não nos justifica, assim como as gotas que caíam na terra e a faziam gritar. Rompe-se a camada superficial, a crosta dura, a argamassa de palavras com a qual assentam-se as coisas e suas verdades, impermeabiliza-se superfícies, regulariza-se e elimina-se ondulações, nivela-se e apruma-se o mundo. O conto de Lezama Lima é menos sobre dois meninos que matam aula, ou sobre a existência quotidiana, e mais o “instrumento de uma experimentação afetiva, de uma exploração dos pontos sensíveis da vida”,<sup>24</sup> a experimentação de uma atmosfera de forças que transbordam a palavra. É por meio dessa atmosfera não-verbal que Lezama Lima torna sensível o grito, a ruptura da casca: o indizível da linguagem, o inactuável do gesto, o sem nome de toda nomeação, o impensável do pensamento.<sup>25</sup>

Algo se passa, e esse algo não está confinado aos materiais dos quais Lezama se vale, mas remete àquilo que ele investe para deles extrair uma tensão que nos lança em direção a um futuro não dimensionável. Somos engajados, assim como Luis e Armando, em um processo cuja efetividade é a ruptura ativa no interior de tecidos estruturados quando, diante do quebra-mar esquecem-se para onde iam, desmemoriados, não reconhecem e tampouco se reconhecem, e o quebra-mar já não opõe resistência ao embate das ondas ou das correntes cuja intensidade não cessam de experimentar. Para onde íamos?

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

Ir à escola, não entrar, ir ao quebra-mar. Gestos quaisquer que desenham territorialidades e arranjos de referências: o possível da escola, do cinema, do mar. Porém, impregnados pela umidade, interrompem seu curso: não se trata mais de ir ou não à escola, tampouco de ver as ondas, mas de fazer com que tudo isso seja dominado pelo sensível da intensidade, e de tal modo que aquela paisagem desenhada não possa ser recomposta. É sobretudo a afirmação de uma porosidade do corpo e da subjetividade, abertura por meio da qual extrai-se “a matéria que convém ao corpo que se quer edificar”,<sup>26</sup> em ressonância com os modos de subjetivação singulares que o exprimem.

Luis e Armando valem pelo que os envolve, porque “exprimem um mundo ou mundos possíveis, paisagens e lugares, modos de vida que é preciso desdobrar, desenrolar”.<sup>27</sup> Arrastados por Lezama Lima damos conta que as paisagens e os lugares enrolam-se em Luis e Armando, e que a exuberância está menos nos mares, na tempestade, nos alunos, na aula, mas *no algo mais que excede*, naquilo que neles nos interpela tão violentamente que o mundo vacila, os sentidos perdem seus pontos de apoio, restando somente os vapores livres.

### ... um rumor distante

Ao final deste texto o leitor poderia se perguntar: mas de que se trata? O que era tudo isso? Trata-se de uma experimentação. Trata-se de juntar alguns elementos. O conto de Lezama Lima, bem como o texto aqui apresentado, são o que menos contribui para uma aprendizagem experimental, pois é somente ao manipulá-los que eles se tornam materiais expressivos, compondo um arranjo de forças.<sup>28</sup> A aprendizagem independe dos materiais recolhidos, mas da potência do encontro que se faz, das conexões que se inventa.

Na perspectiva de uma experimentação, preparar um texto, um artigo ou uma aula é desenhar alguma coisa, é compor uma paisagem, mas, como o próprio termo diz, compor é antes arranjar, é maquirar, de maneira que, texto, artigo ou aula, se apresentam como uma paisagem que se faz na medida em que é percorrida. O percurso não é outra coisa senão as conexões inventadas. Não importa o que os elementos juntados significam, tampouco o que vai acontecer, qual o próximo passo, mas sim mobilizar o corpo, o pensamento, sensibilizá-los de modo a experimentar-se no experimentar a paisagem, traçando linhas e acompanhando-as, linhas por meio das quais a paisagem se desmancha e se inventa.

Afinal, um artigo ou uma aula, na perspectiva de um aprendizado experimental, compõem-se sobre uma linha de fuga, assim como o texto sobre uma aula, e o tema aqui privilegiado: as ecologias que a vida inventa, menores ecologias. Sem sentido ou finalidade, elas não reconhecem qualquer ordem, qualquer razão, qualquer estabilidade. Remetem, sobretudo, àquilo que permanece indomesticável, escapando insistentemente aos sistemas de ordenação, sejam eles quais forem.

Um ruído permanece insistentemente, mesmo em face dos mais arrojados projetos de pacificação impostos à vida e ao pensamento; esta é a força do menor, ou a potência minoritária. A existência se retoma, se reitera, sem ser coagida pelas leis; transgressiva, ela manifesta uma singularidade contra a lei, sob a lei, não se constituindo, portanto, como norma para julgar, decidir ou proceder.

## Notas

<sup>1</sup> Bruno Latour argumenta pela insustentabilidade da distinção entre ecologia científica e ecologismo ou ambientalismo, vendo em ambos os portavozes privilegiados de uma *missão* que é conduzida em proveito do “bem-estar, prazer

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

e boa consciência de um pequeno número de humanos, cuidadosamente selecionados, geralmente americanos, brancos, machos, ricos e educados.” Bruno Latour. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, EDUSC, 2004, p.45. Tradução de Carlos Aurélio Mota de Souza.

<sup>2</sup> A este respeito ver Pierre Levy . *O que é o virtual*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 2001, pp.16-17. Tradução de Paulo Neves.

<sup>3</sup> Ver Edson Passetti. “Sociedade de controle e anarquia”, o autor coloca que a restauração de equilíbrios, buscando qualidade de vida, é o que objetiva as “estratégias de ecopolítica em que participar é mais do que difundir uma ética de respeito e conservação do planeta (o que, por vezes, confunde-se com a atuação circunscrita aos santuários ecológicos, últimas espécies animais e outras a um apelo ao desenvolvimento capaz de dar conta das populações e seus locais).” in *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Ed. Cortez, 2003, p.271.

<sup>4</sup> Ivan Illich. “Contra a produção do bem-estar” in *As instituições e os discursos*. Tempo Brasileiro, out./dez. de 1973, pp. 87-92.

<sup>5</sup> Walter O. Kohan. “Entre Deleuze e a educação”, in *Educação e Realidade*, v. 27, nº2, jul/dez de 2002, p.126.

<sup>6</sup> Kaustuv Roy. “Gradientes de intensidade”, in *Educação e Realidade*, v.27, nº2, jul/dez de 2002, pp. 90-91.

<sup>7</sup> Gilles Deleuze e Félix Guattari apontam que o racismo não se dá por exclusão racial, mas por meio de uma estratégia de inclusão diferencial em que o Outro passa a ser expressão de identidade e homogeneidade étnicas, sempre remetido ao Mesmo.

<sup>8</sup> Recortes do conto “Fugados”, de José Lezama Lima. *Fugados*. São Paulo, Iluminuras, 1993. Tradução de Josely Vianna Baptista.

<sup>9</sup> Idem, p.17.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>11</sup> Ibidem, idem.

<sup>12</sup> Segundo o Moderno Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis, fugado é um termo proveniente da música, e significa composto em estilo de fuga. Josely Vianna Baptista preserva o termo na tradução para o português sem utilizar itálico.

<sup>13</sup> Josely Vianna Baptista. “Cardume argênteo de peixes verbais”, posfácio, in José Lezama Lima, 1993, op. cit, p. 108.

<sup>14</sup> Gilles Deleuze. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas, Papyrus, 1991, p. 34-38. Tradução de Luiz B. L. Orlandi.

<sup>15</sup> Segundo Lapoujade “a sensação exprime a força que ela reencontra. (...) Sentir, é assistir a passagem de uma força, não somente as forças que nos afetam, mas também as forças que dobram as montanhas, que deformam os corpos, e que propiciam a emergência de novos modos de subjetivação, novos modos de existência”. David Lapoujade. “Conférence”, p.4.

<sup>16</sup> Severo Sarduy. “Por uma ética do desperdício”, in Severo Sarduy. *Escrito sobre um corpo*. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 57-80. Texto também publicado sob o título “Barroco e neobarroco”, no volume de textos *América Latina em sua literatura*, organizado pela UNESCO.

<sup>17</sup> Benito Pelegrín. “Las vías del desvío en *Paradiso*. Retórica de la oscuridad”, in José Lezama Lima. *Paradiso* (edição crítica). ALCA XX, 1996, p. 626.

<sup>18</sup> José Lezama Lima. 1993, op.cit., p. 19.

<sup>19</sup> Carlos Henrique de Escobar. “O gato à deriva da Razão” in Carlos Henrique Escobar (org.). *Por que Nietzsche?* Rio de Janeiro, Achiamé, s/d., pp.78-79.

<sup>20</sup> Friedrich Nietzsche. *Fragments do espólio verão-outono 1882*. Brasília, Ed. UNB, 2004, § 296. Seleção, tradução e prefácio de Flavio R. Kohte.

<sup>21</sup> Luis B. L. Orlandi. *Procedimentos expressivos* (curso ministrado no PPG da PUC/SP, 1º semestre de 2005).

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> A articulação entre biodiversidade e diversidade cultural pretende exprimir-se numa totalidade que tudo abarca, funcionando como uma terapêutica do Todo em relação ao qual o “material bruto” da diversidade é utilizado para expressar a identidade e a homogeneidade segundo graus de afastamento do elemento do branco. Bruno Latour, op.cit., 2004, p. 323 e 45; Kaustuv Roy, op. cit., 2002, p. 94, e Gilles Deleuze e Felix Guattari. *Mille Plateaux*. Paris, Minuit, 1980, p. 218.

<sup>24</sup> François Zourabichvili. “Deleuze e a questão da literalidade”, in *Educação e Sociedade*, v.26, nº93, set./dez. de 2005, p. 1318.

<sup>25</sup> Tais concepções estão presentes nas diversas análises desenvolvidas por Blanchot, José Gil e Gilles Deleuze.

<sup>26</sup> José Gil. *Movimento Total: o corpo e a dança*. São Paulo, Iluminuras, 2005, p. 75.

<sup>27</sup> Gilles Deleuze. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro/São Paulo, Forense Universitária, 2003, p.113. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado.

<sup>28</sup> Cf. Silvio Ferraz. *O Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]*. Rio de Janeiro, 7 Letras/FAPESP, 2005, pp. 89-90.

Nas bordas do mar: esboço de uma aprendizagem...

*RESUMO*

*Dois movimentos atravessam este artigo. O primeiro põe sob suspeita a articulação entre educação e meio-ambiente, na sua imbricação com um discurso conservacionista e um pensamento da conservação, ambos pautados em práticas consideradas saudáveis e comportamentos considerados adequados. O segundo compõe-se com o conto Fugados de Lezama Lima, e com ele esboça algumas linhas, linhas de uma aprendizagem experimental, que remetem, sobretudo, àquilo que permanece indomesticável: as ecologias que a vida inventa, menores ecologias.*

*Palavras-chave: educação, aprendizagem experimental, menores ecologias.*

*ABSTRACT*

*Two movements pass through this article. The first one questions the relationship between education and environment, in its connection with a conservacionist discourse and a conservation mentality, both based on practices seen as healthy and on behaviors seen as appropriate. The second one is based on Lezama Lima's short story Fugados and, from it some lines of a experimental learning are drafted. Those lines are related with the things that still are savage: the ecologies invented by life, the minor ecologies.*

*Keywords: education, experimental learning, minor ecologies.*

*Recebido para publicação em 27 de agosto de 2006 e confirmado em 23 de outubro de 2006.*